

“Oceano Noturno” – H.P. Lovecraft e R.H. Barlow**Tradução: Mário Jorge Lailla Vargas****OCEANO NOTURNO**

Não fui à praia de Ellston só pelo prazer de sol-e-mar mas pra recuperar uma mente cansada. Considerando que não conheci alguém na pequena cidade, que só prospera com a chegada dos veranistas em férias e fica deserta durante a maior parte do ano, parecia garantido eu não ser perturbado. Isso me agradou porque eu não queria ver algo além da arrebentação das ondas e da extensão da praia durante minha estada temporária.

Meu longo trabalho de veraneio terminou quando deixei a cidade e o grande desenho mural inspirado nela entrara no concurso. Levei o ano todo pra terminar a pintura. Quando limpei a última escova não mais relutava cuidar da saúde e dormir um pouco. Realmente, durante a semana na praia só me lembrava de vez em quando do trabalho cujo êxito há pouco parecia essencial. Ali não havia mais a velha preocupação com a complexidade de miríades de matizes e ornamentos nem a desconfiança quanto a minha habilidade em interpretar a imagem mental, a transformando, por minha própria habilidade com o jogo de contraste, no rascunho cuidadoso dum esboço. Mas o que depois me aconteceu na orla deserta só pode ter brotado numa constituição mental inquieta por medo e desconfiança. Porque sempre fui investigador, sonhador e perspicaz em perscrutar e imaginar. E quem pode dizer que uma natureza assim não abre latentes olhos sensitivos a ignotos mundos e leis naturais?

Agora, estou tentando contar o que vi, estou consciente de mil limitações alienantes. Coisas sentidas pela visão interior, como as visões flamejantes que vêm quando vagamos na vacuidade do sono, nos são mais vívidas e significativas do que quando as tentamos associar à realidade. Transcrevas um sonho e ele se desbotará. A tinta com a qual escrevemos parece diluir a base de realidade e por isso não conseguimos delinear a incrível lembrança. É como se nossos egos, separados dos laços objetivos do cotidiano, se divertissem com emoções aprisionadas que são apressadamente abafadas quando as traduzimos. Em sonhos e visões consistem as maiores criações humanas, pois independem de linha ou matiz. Cenas esquecidas e terras mais obscuras que o mundo dourado infantil pululam na mente dormente, reinando até o despertar os derrotar. Entre eles algo pode ser atingido prà glória e satisfação de nossos desejos. Algumas imagens de beleza acentuada, suspeitadas, mas ainda veladas, que nos são como o Graal à mentalidade mística do mundo medieval. Amoldar estas coisas na roda da arte, buscar algum troféu desbotado daquele reino intangível de sombra e diafanidade, requer tanto habilidade quanto memória. Embora os sonhos estejam em todos nós algumas mãos podem pegar essas asas de mariposa sem rasgar.

Habilidade que esta narrativa não tem. Se eu pudesse revelaria os eventos indicados que percebi vagamente, como quem perscruta num reino de penumbra e silhuetas fugazes de movimento oculto. Em meu painel que então se estende, com uma multidão de outros, no edifício ao qual foram planejados, eu me esforçara pra achar uma pista desse mundo-sombra igualmente enganoso e talvez tivera mais sucesso do que terei agora. Minha permanência em Ellston era pra esperar o julgamento do concurso. E quando me deram não sei quantos dias de lazer, me deixando na expectativa, descobri que, apesar dessas fraquezas, que um criador sempre descobre claramente, eu conseguira realmente delinear e colorir alguns fragmentos arrebatados do mundo infinito da imaginação. As dificuldades do processo e a tensão resultante minaram minha saúde e me trouxeram à praia durante esse período de espera. Querendo ficar completamente só, aluguei, pra delícia do dono, incrédulo, um casebre a pouca distância da aldeia de Ellston, que, por causa da estação minguate, estava viva, com um agonizante alvoroço de turista, igualmente desinteressante pra mim. A casa, apesar de escurecida pela maresia, não fora pintada. Não era como um satélite da aldeia, mas balançava embaixo dela, na costa, como um pêndulo sob um relógio imóvel, solitária numa colina de matagal

sobre a areia. Como um solitário animal de estimação sentado diante do mar, suas janelas sujas e inescrutáveis descortinavam um enorme reino só de terra, céu e mar. Não requer muita imaginação uma narrativa cujos fatos podem ser ampliados e dispostos num mosaico. Pode parecer estranho, mas achei que a pequena casa se sentia solitária quando a vi. E gostou de mim. Tinha consciência de sua natureza insignificante diante do grande mar. Parti no final de agosto e cheguei um dia antes do esperado, encontrando um furgão e dois carregadores que descarregaram a mobília, comandados pelo dono. Sem saber quanto tempo eu ficaria, quando o furgão partira fiz minha maleta, fechei a porta (o proprietário lamentando muito por eu arranjar uma casa depois de meses num quarto alugado) e desci o matagal da colina na praia. Sendo bem antiquada e com um quarto, a casa requeria pouca exploração. Duas janelas em cada lado davam boa iluminação e, dalguma maneira, uma porta ficara espremida, uma espécie de remendo, na parede contígua ao oceano. O lugar fora construído aproximadamente dez anos antes, mas por causa da distância da aldeia de Ellston era difícil alugar até mesmo durante a estação de veraneio. Sem lareira, estava vazio de outubro até meado na primavera. Embora, de fato, menos de 2km abaixo de Ellston, parecia mais distante. Desde então uma inclinação na costa deixava ver só dunas gramadas em direção à aldeia.

Passei o resto do primeiro dia desfrutando sol e água, cuja silenciosa majestade fez esquecer meu labor, o fazendo parecer distante e pesado. Era a reação natural a uma longa preocupação com hábitos estabelecidos. Terminei meu trabalho e minhas férias começaram. Esse fato, enquanto fugaz, se mostrou em tudo que me cercou naquela tarde de minha chegada, e na mudança de velhos hábitos. Havia um efeito do brilho solar na maré, cujas ondas misteriosamente se curvavam, espalhando borrifos d'água. Talvez uma aquarela pudesse retratar a maciça carga de insuportável luz que atingia a praia onde o mar se misturava com a areia. Embora o oceano tivesse seu próprio matiz foi dominado pelo enorme clarão. Não havia alguém perto de mim e desfrutei o espetáculo sem ser perturbado. Cada um de meus sentidos foi tocado de modo diferente mas, às vezes, parecia que o rugido do mar estava sincronizado àquele grande brilho ou como se as ondas estivessem luzindo em vez do sol, tão vigorosas e insistentes que o resultado era uma sincronia. Curiosamente vi ninguém tomando banho perto de minha pequena casa quadrada naquela tarde nem nas seguintes, embora a ondulante costa incluísse uma vasta praia até mais convidativa que a da aldeia onde o arrebentação era pontilhada de figuras fortuitas. Supus que era por causa da distância e porque nunca houve outras casas embaixo da cidade. Por que havia essa extensão sem construção não pude imaginar, já que muitas habitações pululavam junto à costa norte, diante do mar, com ampla vista. Nadei até o fim da tarde e depois de descansar entrei na pequena cidade. A escuridão ocultava o mar quando entrei e fiquei sob a débil iluminação duma cidade que nem pressentia a grande mortalha que caía sobre ela. Lá estavam as mulheres pintadas e adornadas com bijuteria e homens aborrecidos, que nunca mais seriam jovens. Uma multidão de tolas marionetes empoleiradas na borda do abismal oceano. Cegos, pouco dispostos a ver o que cai sobre eles entre a múltipla majestade de miríades de estrelas e a grandeza do oceano noturno. Caminhei ao longo desse escuro mar ao regressar a meu pobre casebre e foquei minha lanterna no impenetrável vazio. Na ausência da Lua essa luz fez um grosso feixe através das paredes da maré inquieta e eu sentia uma emoção indescritível por causa do ruído da água e a percepção de minha pequenez quando lancei aquele feixe minúsculo não a um reino imenso em si mesmo, mas apenas à borda escura do abismo terreno. Àquele noturno profundo sobre o qual os solitários navios se moviam na escuridão onde eu não os podia ver e se afastavam dos murmúrios duma irritada multidão.

Quando cheguei a minha residência principal sabia a ninguém ter encontrado durante o passeio no arredor da aldeia, mas persistia a impressão de ter sido acompanhado o tempo todo apenas pelo espírito do mar. Era, pensei, a personificação numa forma que não me foi revelada, mas que se movia silenciosamente além de meu alcance de compreensão. Estava como atores que esperam, em prontidão, atrás do cenário, as palavras que marcam sua entrada antes de os vermos, e, de repente, falam, numa súbita entrada na ribalta. Esse devaneio me deu um calafrio, então peguei minha chave pra entrar no lugar cujas paredes nuas proporcionaram uma súbita sensação de segurança.

Minha cabana estava isolada da aldeia, como se tivesse vagado na costa e não conseguido voltar. E lá nada ouvi falar da agitada gritaria quando voltava a cada noite depois da ceia. Eu geralmente

ficava uns instantes nas ruas de Ellston mas, às vezes, entrava num lugar porque estava passeando. Havia muitas lojas de raridade e fachadas de teatro cenográficas que atravancam cidades de férias, mas nunca fui a elas. O lugar só parecia útil pelos restaurantes. Era surpreendente o número de coisas inúteis que as pessoas acham pra fazer.

No princípio havia uma série de dias ensolarados. Subi cedo e vi o fulgurante céu cinzento prenunciando amanhecer. Uma profecia se cumpriu tendo eu como testemunha. Essas alvoradas eram frias e as cores desfalecem em comparação ao uniforme esplendor diurno que dá a todas as horas a qualidade de pálido meio-dia. Aquela esplêndida luz, tão brilhante no primeiro dia, fez os dias seguintes parecerem uma página amarela no livro do tempo. Notei que muitas das pessoas da praia estavam descontentes com o sol irregular, enquanto era isso o que eu queria. Depois de cinzentos meses de labuta intelectual a letargia induzida por uma vida física numa região governada pelas coisas simples (vento, luz e água) teve um efeito instantâneo em mim. Ansioso em continuar o processo de cura gastei todo meu tempo ao ar livre, ao sol. Isso me induziu a um estado imediatamente impassível e submisso e me deu um sentimento de segurança contra a noite voraz. Como a escuridão é análoga à morte a claridade se associa à vitalidade. Pela herança de há um milhão de anos, quando os *homens* eram mais íntimos com a mãe-oceano e quando as criaturas das quais descendemos se deitavam, lânguidas, na água rasa e ensolarada, ainda buscamos as coisas primitivas quando estamos cansados e nos saturamos dentro da confortável segurança como aqueles semi-mamíferos que não tiveram de se aventurar tão cedo na terra pantanosa.

A monotonia das ondas sossegou e não tive ocupação além de testemunhar miríades de caprichos do oceano. Uma mudança incessante na cor e matiz da água, numa mutação contínua como as sutis expressões faciais duma pessoa. E percebia isso através de sentidos supra-normais. Quando o mar está revoltado, lembrando antigos navios planando sobre o abismo, vem, silenciosamente, a nosso coração a saudade do desvanecido horizonte. Mas quando esquece também esquecemos. Mesmo conhecendo sua vida sempre tem que manter um jeito estranho, como se algo muito grande pra ter forma estivesse espreitando no universo ao qual ele é uma porta. O oceano matutino brilha com uma névoa refletida de nuvem branco-azulada e espuma diamantina em expansão e tem os olhos de quem pondera sobre coisas estranhas. Em sua complexa textura, onde corre uma miríade de peixes coloridos, sustenta alguma grande e preguiçosa entidade que logo surgirá dos veneráveis abismos imemoriais e percorrerá a terra.

Fiquei contente, durante muitos dias, por ter escolhido a casa deserta que jazia sentada como uma pequena besta nesses arredondados penhascos de areia. Entre as diversões agradavelmente sem objetivo nutridas por tal vida, fui seguindo a extremidade da maré a longa distância, onde as ondas deixaram uma umidade, esboço irregular que tem bordas com espuma evanescente. Às vezes achava curiosos pedaços de concha no lixo errante do mar. Havia um surpreendente lote de escombros na costa ondulante, diante de meu casebre, e achei que correntes cujos cursos divergem da praia da aldeia devem alcançar aquele ponto. De qualquer modo meus bolsos, quando tinha um, geralmente guardavam um estoque de lixo, a maioria joguei fora uma ou duas horas depois de recolher e queria saber por que o guardara. Porém, uma vez, achei um ossículo cuja natureza não pude identificar, mas que não pertencia a um peixe e o guardei junto a uma grande conta de metal cujo minucioso desenho entalhado era bastante incomum, que descrevia algo pisciforme contra um fundo moldado de alga em vez dos desenhos florais ou geométricos habituais, ainda claramente legíveis apesar de anos de uso sendo lançada na arrebentação. Considerando que nunca vi algo assim, julguei que representava um pouco da moda, agora esquecida, dum ano antes, em Ellston, onde semelhante moda passageira era comum.

Fiquei lá talvez uma semana, quando o clima começou a sofrer mudança gradual. Cada fase desse escurecimento progressivo foi seguida sutilmente por outra, intensificada, de forma que no fim a atmosfera inteira que me cercava trocara o dia pelo crepúsculo. Isso me parecia mais óbvio numa série de impressões mentais que testemunhei de fato, pois o casebre estava deserto sob o céu cinzento e, às vezes, uma rajada de vento vinda do oceano trazia umidade. O sol ficou encoberto durante o longo intervalo de nebulosidade, camadas de neblina cinzenta cuja profundidade desconhecida o sol não atravessava. Embora pudesse luzir com a velha intensidade sobre aquele véu

enorme, não a podia penetrar. A cada vez a praia era uma prisioneira numa abóbada incolor, como se um pedaço da noite ficasse nela.

Embora o vento estivesse recrudescendo e o oceano chicoteando em pequenos redemoinhos espirais perto da borda o agitada, senti a água esfriar de modo que não pude permanecer tanto quanto queria. Assim adquiri o hábito de longos passeios que, quando impossibilitado de nadar, substituí o exercício que eu tinha tanto empenho em praticar. Estes passeios cobriram um maior alcance de beira-mar que minha andança anterior, e desde que a praia se estendia quilômetros além da buliçosa aldeia, fiquei isolado numa área infinita de areia enquanto anoitecia. Quando isso acontecia eu corria ao longo da sussurrante beira-mar pra não me perder terra adentro. E às vezes, nos passeios tardios, que se tornaram mais freqüentes, eu descobria a casa atarracada, que parecia um arauto da aldeia. Inseguro nas ventosas escarpas, um borrão escuro nos matizes mórbidos do pôr-do-sol oceânico, era mais que plena luz de qualquer orbe e parecia a minha imaginação como uma muda face interrogativa me olhando na expectativa dalguma ação. Que o lugar era isolado eu já disse, o que me agradou no princípio, exceto naquele breve entardecer. Quando o Sol declinou num banho de sangue¹ e a escuridão desceu como um borrão informe, se expandindo, havia uma presença estranha: Um espírito, uma personalidade, uma impressão vinda com o vento, o céu gigantesco e aquele mar que se divertia enegrecendo as ondas numa praia cada vez mais estranha. Nessas ocasiões eu sentia uma intranquilidade sem causa definida, embora minha natureza solitária me fizera, há muito tempo, me acostumar ao silêncio antigo e à antiga expressão da natureza. Esse receio, que eu não poderia denominar ao certo, não me afetou muito tempo. Mas creio que, o tempo todo, uma consciência gradual da imensa solidão do oceano me arrepiou. Uma solidão que sutilmente foi ficando horrível através de sugestão, pois nunca foi mais que isso, dalguma animação ou entidade que me impede de estar completamente só.

As ruidosas e amareladas ruas da cidade, com sua curiosa e surreal atividade, estavam longe quando fui até lá pra jantar, desconfiado de minha dúbia arte culinária. Mais e mais me deixei dominar pelo irracional sentimento de que deveria voltar à cabana antes do escurecer mas costumava ficar até por volta das 22h. Dirás que tal ação é irracional, que se eu temesse a escuridão de modo tão infantil, a teria evitado completamente. Me perguntarás por que não deixei o lugar desde que a solidão começou a me deprimir. A tudo isso não tenho resposta, a menos que qualquer desassossego, qualquer alvoroço distante me informava sobre aspectos de obscurecimento solar, a impaciente maresia ou o manto da escuridão marinha que se estende, enrugado como uma enorme peça de vestuário, tão perto de mim era algo que tinha origem em meu próprio coração, que só se mostrou em momentos passageiros e que não teve efeito persistente em mim. Nos outros dias de luz diamantina, com ondas esportivas que lançavam montanhas azuis na orla que se aquecia, a memória de sombrios caprichos parecia incrível, contudo só uma ou duas horas depois eu poderia experimentar novamente esses caprichos, e descer a uma região turva de desespero.

Talvez essas emoções fossem apenas uma reflexão do próprio humor do mar, pois a metade do que vemos é colorido pela interpretação de nossa mente, muitos de nossos sentimentos são amoldados, de modo muito diferente, através de estímulos externos, físicos. O mar pode nos ligar a seus muitos humores e nos sussurrar pelo indício sutil duma sombra ou a cintilação nas ondas, indicando, desse modo, sua mortificação ou regozijo. Sempre está se lembrando de coisas antigas mas as recordações que não podemos captar nos são dadas de forma que compartilhemos sua alegria ou remorso. Considerando que eu não estava fazendo algum trabalho nem vendo algum conhecido, talvez eu fosse suscetível a seus tons de significado secreto que seria negligenciado por outro. O oceano regeu minha vida durante todo daquele último verão. Foi o que exigiu como recompensa por ter me curado.

¹ No original *gore-splattered*. **Gore**: violência gráfica, representação de atos particularmente vívidos e realistas de violência e brutalidade em mídias visuais como literatura, filme, televisão e videogames. Pode ser real, simulada, ao vivo, ou animada. **Splatter**: Subgênero de horror com quantias pesadas de *gore*. Às vezes com atos gráficos de violência, sexo, violência sexual e ou sexo violento. O termo mais correspondente em português seria *banho de sangue*. Nota do tradutor, extraído de www.urbandictionary.com

Havia afogamento na praia naquele ano. Enquanto só ouvi falar casualmente, tal é nossa indiferença a uma morte que não nos concerne e à qual não somos testemunha, eu soube que os detalhes eram indigestos. Os que morreram, alguns nadadores de habilidade além da média, às vezes eram achados após muitos dias e a hedionda vingança abismal flagelara os corpos putrefatos. Era como se o mar os tivesse arrastado a um covil abismal e os ruminado na escuridão até, satisfeito, os deixar flutuar à praia num horrível estado. Ninguém parecia saber a causa das mortes. A frequência alarmou os receosos, pois a ressaca em Ellston estava fraca e se ficou sabendo não haver tubarão. Eu não soube se os corpos mostraram marca de ataque, mas o medo duma morte que se move entre as ondas e ataca as pessoas solitárias no escuro é algo que os homens conhecem e temem. Têm de achar logo uma razão pra tais mortes, mesmo não havendo tubarão. Desde que tubarões eram a única suspeita e eu não soube dum caso confirmado, os nadadores que continuaram durante o resto da estação estavam em guarda contra marés traiçoeiras em vez de contra algum animal marinho. Realmente, o outono não acabara há muito, e algumas pessoas usaram isso como pretexto pra deixar o mar onde os homens foram pegos pela morte, e ficaram na segurança de terra firme, mesmo onde nem se pode ouvir o oceano. Assim agosto terminou e eu estivera na praia muitos dias.

Houve uma ameaça de tempestade desde o quarto dia do novo mês. No sexto, quando parti a um passeio no vento úmido, havia uma massa de nuvem informe, incolor e opressiva sobre o encapelado mar plúmbeo. O movimento do vento, sem rumo, mas agitado, dava uma sensação de vivacidade próxima, uma sugestão de vida nos elementos da tempestade próxima. Almocei em Ellston. Quando o céu parecia a tampa dum grande porta-jóia, me aventurei longe, abaixo da praia, longe da cidade e onde minha casa já se perdera de vista. Quando o cinza universal ficou manchado como uma carne putrefata púrpura, curiosamente brilhante, apesar do matiz sombrio, pensei estar a vários quilômetros dalgum abrigo. Porém isso não parecia muito importante, apesar do céu escuro, com o brilho e o desconhecido prodígio eu estava numa estranha disposição que flamejava num corpo adulto repentinamente alerta e sensível ao esboço de formas e significados antes ofuscados. Vagamente me veio uma lembrança sugerida pela semelhança da cena que eu imaginara quando li uma história na infância. Aquele conto, esquecido durante muitos anos, era sobre uma mulher amada pelo rei barba-negra dum reino submerso dum escuro abismo, onde viviam criaturas pisciformes, que foi levada de seu jovem prometido de cabelo dourado por uma criatura sombria coroada com uma aparente mitra sacerdotal e com feição dum macaco seco. O que ficou de lado em minha imaginação era a imagem de precipícios submersos contra o preto-e-branco daquele reino sem céu. Mas eu esquecera a maior parte da história e fui recordando inesperadamente vendo o mesmo padrão de precipício e céu que vi então. A cena era similar ao que imaginara numa época, agora perdidas e incompletas impressões guardadas ao acaso. Sugestões dessa história podem ter persistido após lembranças frustrantemente incompletas, e em certos valores sugeridos a meus sentidos por cenas cuja importância atual era frustrantemente pequena. Frequentemente, numa percepção momentânea, sentimos que uma paisagem plumosa, por exemplo o vestido duma mulher ao longo da curva duma estrada na tarde ou a solidez duma árvore secular contra o céu pálido matutino (a situação, mais que o objeto, é mais significativa) retém algo precioso, um pouco da virtude dourada que temos de pegar. E ainda quando tal cena ou arranjo é visto depois, ou doutro ângulo, achamos ter perdido valor e significado. Talvez seja porque a coisa que vemos não retém aquela qualidade enganosa, apenas sugere à mente algo muito diferente, que permanece esquecido. A mente, confundida, não sente completamente a causa de seu raciocínio rápido, se agarra ao objeto que a excita e fica surpresa quando percebe que aquilo não tem valor. Assim foi quando vi as nuvens púrpura. Elas retém a pompa e o mistério dum monastério antigo e se destacam no crepúsculo, mas seu aspecto também era o dos penhascos nos antigos contos de fada.

De repente, lembrando essa imagem perdida, eu meio que esperava ver, na frágil espuma suja e entre as ondas que pareciam vertidas dum vidro preto rachado, a figura repugnante da criatura cara-

de-macaco que usa uma velha mitra com verdete,² surgindo de seu reino nalgum golfo perdido ao qual essas ondas eram o céu.

Não vi alguma criatura imaginária, mas o vento frio mudou de direção e cortou o céu como uma faca enferrujada, estendida na melancólica união de nuvem e água apenas um objeto cinzento, como um pedaço de madeira flutuante, vagamente lançado na espuma, um tanto ao longe. Mas como desapareceu num instante pode não ter sido madeira, mas um toninha vindo à superfície revolta.

Logo achei ter contemplado a tempestade crescer durante muito tempo e unido meu devaneio matinal a sua grandeza, quando uma chuva glacial começou a cair, deixando uma melancolia mais densa num panorama muito sombrio tendo em vista a hora. Me apressando ao longo da areia cinzenta, sentia o impacto de gotas frias nas costas e logo minha roupa estava empapada. No princípio eu correria, fugindo das gotas incolores cujo padrão se manteve ao longo da praia durante muito tempo num céu encoberto, mas depois vi que aquele refúgio estava muito distante pra alcançar antes de me molhar, então afrouxei o passo e voltei até casa como se tivesse caminhado sob céu claro. Não tinha motivo pra se apressar, embora eu não estivesse ocioso como em ocasiões anteriores. Sentia o frio da roupa molhada e com a escuridão e o vento oceânico não pude reprimir um calafrio. Ainda havia, ao lado do desconforto da chuva, uma alegria oculta no emaranhado purpurino de nuvens e a estimulante reação do organismo. Num humor que era um misto de prazer triunfante em resistir à chuva, que agora escorria de mim e enchia meus sapatos e bolsos, e da apreciação estranha desse céu mórbido e dominante que pairara com asas escuras sobre o mar eterno e inconstante, galguei o corredor cinzento da praia de Ellston. Mais rapidamente do que esperara, a atarracada casa surgiu no declive, fustigada pela chuva, e todas as ervas daninhas da colina de areia se estorciam sob o vento frenético, como se desarraigassem pra se unir ao elemento andarilho. Mar e céu não se alteraram e a cena era a que me acompanhara, exceto que ali estava pintado o telhado corcovado que parecia se curvar ao ataque da chuva. Apressei os passos inseguros e fiquei num quarto seco onde, inconscientemente e surpreso em estar livre do vento sibilante, suporrei durante um momento a água irritando cada centímetro de minha pele.

Há duas janelas na frente daquela casa, uma em cada lado, e quase diretamente diante do oceano, que via meio obscurecido pelo manto da chuva e do anoitecer. Diante dessas janelas me vesti com sortimento variegado de roupa seca nos cabides e numa cadeira abarrotada. Eu era prisioneiro, cercado em todos os lados por um anoitecer anômalo que se infiltrava nalguma hora indefinida sob o manto da tempestade que instigava. Quanto tempo eu estivera no alcance da areia cinzenta molhada ou que horas realmente eram, não sabia mas, procurando um pouco, encontrei meu relógio, felizmente deixado em casa, assim evitando a umidade que empapou minha roupa. Pressenti a hora pelos ponteiros vagamente vistos, apenas ligeiramente menos indecifráveis que as figuras circunvizinhas. Em seguida minha visão penetrou a obscuridade, maior na casa que além da janela embaçada, e vi que eram 6:45h.

Ninguém estava na praia quando entrei. Naturalmente esperei não ver outro nadador na noite. Mas quando novamente olhei da janela apareceram figuras borrando a fuligem do úmido anoitecer. Conteí três se movendo dalguma maneira incompreensível e outro perto da casa, que pode ter sido não uma pessoa, mas um tronco levado pelas ondas, visto que a arrebentação o triturava furiosamente. Fiquei muito surpreso e maravilhado e queria saber a que propósito essas pessoas robustas ficavam ao léu em tal tempestade. Então pensei que talvez foram pegos, como eu, sem querer, na chuva e se renderam às rajadas úmidas. Noutro momento, incitado por uma hospitalidade civilizada que superou meu amor à solidão, fui à porta e surgi, momentaneamente, gesticulando às pessoas, o que me custou outro banho, pois a chuva prontamente me atingiu em exultante fúria, na pequena varanda. Mas não me viram ou não entenderam, pois não responderam. Anoiteceu, estavam meio surpresos ou como se esperassem outra ação minha. Havia em sua atitude algo daquele vazio secreto, significando algo ou nada, que a casa se revestiu no mórbido crepúsculo. Abruptamente senti que uma coisa sinistra espreitava sobre essas figuras imóveis que escolheram ficar na noite chuvosa numa praia abandonada por todas as pessoas, e fechei a porta com um

² Verdete, verdigris: Pigmento antigo, utilizado, sobretudo, até o século 17. Acetato básico de cobre, artificial, $\text{Cu}(\text{CH}_3\text{COO})_2 \cdot 2\text{Cu}(\text{OH})_2$

rompante de inquietude que, vaidosamente, tentava disfarçar uma emoção mais profunda de pavor, um susto devorador que empoçava das sombras de minha consciência. Um momento depois cheguei à janela e parecia nada haver ali fora além da noite portentosa. Meio atordoado e moderadamente assustado, como alguém que não viu algo alarmante, mas está apreensivo do que pode encontrar na rua escura e é compelido a cruzar logo, decidi que, muito possivelmente, a ninguém vira e que o ar escuro me enganara.

A aura de isolamento sobre o lugar aumentou naquela noite, mas, fora do panorama, em direção ao norte da praia uma centena de casas ascendiam na escuridão chuvosa. Sua turbidez clara e amarela sobre ruas de vidro polido, como olho-de-boi refletido numa oleosa poça na floresta. Ainda porque não os podia ver nem localizar em tempo ruim, sendo que não tinha carro nem outro modo de deixar o plano casebre, exceto entrando na tenebrosa escuridão, percebi, de repente, estar, em todo caso, sozinho com o tenebroso mar que subia e descia, invisível, incógnito na névoa. E a voz do mar se tornara um gemido rouco, como alguém ferido, que recua sofregamente antes de subir.

Espantei a escuridão com uma lâmpada a óleo, pois a treva rastejou em minhas janelas, se sentou e me perscrutou vagamente dos cantos, como um animal paciente, e preparei minha comida porque não queria ir à aldeia. A hora parecia inacreditavelmente avançada, entretanto não eram 9h quando fui à cama. A escuridão viera cedo, furtivamente, e ao longo do restante de minha permanência evasivamente me demorava sobre cada cena e ação que via. Algo estava sereno noite afora, algo sempre indefinido, me dando uma sensação latente, de modo que parecia uma besta que espera o sussurro momentâneo dum inimigo.

Ventou durante horas e jatos do aguaceiro fustigaram indefinidamente as desgastadas paredes que me protegiam. Houve momento de calma, quando ouvi o mar murmurar e podia adivinhar aquelas grandes ondas informes se empurrarem no ganido pálido do vento, arremessando à praia um borriço salgado. Ainda na mesma monotonia dos elementos inquietos achei uma nota letárgica, um som que me seduziu, depois dum tempo, num sono cinzento e pálido como a noite. O mar continuou seu monólogo furioso e o vento sua impertinência, mas estavam isolados pela parede da inconsciência e durante instantes o oceano noturno foi expulso duma mente adormecida.

A manhã trouxe um sol esmaecido, que os homens verão quando a Terra for antiga, se o homem permanecer. Um sol mais débil que quando encoberto. Um céu moribundo. Eco lânguido de sua antiga imagem, Febo se esforçava em perfurar as nuvens esfarrapadas e confusas quando despertei, em momentos que parecia banhado em ouro no interior noroeste da casa, noutros minguando até ficar só uma bola luminosa, como um incrível brinquedo esquecido no gramado celestial. Depois dum tempo a chuva cadente, que deve ter continuado ao longo da noite anterior, continuou banhando esses vestígios de nuvem purpúrea que eram como os penhascos oceânicos tirados dum antigo conto de fada. Confundindo o sol poente com o nascente, aquele dia se fundiu ao anterior, como se a tempestade interveniente não introduzisse uma longa escuridão no mundo, mas inchasse e baixasse uma longa tarde. Ganhando impulso o sol furtivo mostrou toda sua força dispersando a antiga névoa, agora rajada como uma janela embaçada, e a dominou. O dia ficou azul quando esses filetes fuliginosos se retiraram e o isolamento que me cercara antes entrou num vigilante local de retirada, donde não avançou, mas se encolheu e aguardou.

O Sol voltou a seu antigo brilho e o velho resplendor nas ondas, cujas alegres formas azuis se reuniram naquela costa antes da criação, e se regozijou não ter visto quando a humanidade foi esquecida no sepulcro do tempo. Influenciado por essas débeis garantias, como quem acredita no sorriso de amizade dum inimigo, abri minha porta. Quando se escancarou uma mancha negra eclodiu em luz e vi a praia lavada, sem rastro, como se nenhuma pegada antes da minha tivesse se impresso na areia lisa. Com um rápido recobrar do ânimo seguinte a um período de inquieta depressão, senti, numa dócil adaptação e desânimo, que minha própria memória foi lavada, excluindo toda desconfiança e vestígio de afecção como medo existencial, da mesma maneira que a sujeira na margem sucumbe à maré cheia e é levada a perder de vista. Havia um odor de grama salobra molhada, como as páginas mofadas dum livro, chegado com um doce odor nascido da quente luz solar em prados campestres, que suporrei como uma estimulante bebida, se infiltrando e formigando nas veias como se me transmitissem algo de sua natureza impalpável, e me fazia

flutuar, atordoado, na brisa incerta. E conspirando com essas coisas, o sol continuou caindo em mim, como a chuva de ontem, num feixe incessante de dardos luminosos, como se também quisesse esconder isso, suspeitando a presença abismal que se movia além de minha visão e só se denunciava por um negligente sussurro no limite de minha consciência ou pelo aspecto de vagas figuras que vigiam num oceano vazio. Aquele sol, uma feroz bola solitária no remoinho aquático da imensidão, era como uma horda de mariposas douradas contra minha face virada a cima. Um graal branco, borbulhante de fogo divino e incompreensível, me fez reter mil miragens prometidas onde uma era concedida. Ao sol pareciam realmente domínios seguros e extravagantes, onde, se eu soubesse o caminho, poderia vagar nessa estranha exultação. Tais coisas surgem de nossa própria natureza, pois a vida nunca cedeu, um instante, seus segredos, e isso só está em nossa interpretação de suas sugeridas imagens que podemos achar êxtase ou estupidez, de acordo com o humor induzido. Ainda sempre e novamente temos de sucumbir a suas decepções, acreditando, durante um momento, que dessa vez podemos encontrar a alegria negada. E assim a fresca doçura do vento, numa manhã seguinte à treva encantada, cuja maldade me deu mais intranquilidade que qualquer ameaça a meu corpo, só me sussurrou sobre mistérios antigos relacionados à terra e sobre prazeres aos quais era o ladrão porque eu sentia que poderia experimentar só uma parte deles. O sol, o vento e aquele odor que os atingia me falavam de festas divinas cujos sentidos são um milhão de vezes mais pungentes que o homem e cujas alegrias são um milhão de vezes mais sutis e prolongadas. Essas coisas, indicaram, poderiam ser minhas se eu me entregasse completamente a seu brilhante e ardiloso poder e o Sol, um deus descendo com nua carne celestial, um desconhecido forno todo-poderoso no qual nenhum olho poderia fitar, parecia quase sagrado no brilho de minhas agudas emoções. A atrojadora luz etérea que emanava era algo que todos deviam adorar, abismados. O arredio leopardo, em seu inferno verde, deve ter parado um instante pra refletir os raios difusos nas folhas e todas as coisas nutridas pelo Sol devem ter apreciado sua mensagem luminosa em tal dia. Pois quando está ausente, na longínqua eternidade, o mundo estará perdido e na treva contra um irrestrito vazio. Naquela manhã na qual compartilhei o fogo da vida e em cujo breve momento de prazer estava protegido dos anos vorazes, estava acenando a estranhas coisas cujos esquivos nomes jamais podem ser escritos.

Enquanto caminhava à aldeia, admirado de como pôde se manter fustigada pela chuva torrencial, vi, ofuscado num reflexo de umidade iluminada pelo sol, que refletia nela como numa vindima madura, um pequeno objeto como uma mão, uns 6m diante de mim, tocado pela espuma abundante. O choque e o desgosto me surpreenderam quando vi que realmente era um pedaço de carne podre. Isso superou minha nova satisfação e gerou uma chocante suspeita de que poderia ser uma mão. Certamente, nenhum peixe, ou parte, poderia ter aquela aparência, pois pensei ter visto dedos pastosos grudados em putrefação. Virei a coisa com o pé, não querendo tocar objeto tão sujo, que grudou no couro do sapato, como se agarrado com a força da corrupção. A coisa, quase toda deformada, se parecia muito com o que eu temia que fosse, por isso a empurrei com força a uma onda bravia que a fez perder de vista com um entusiasmo incomum naqueles revoltos recantos do mar.

Talvez eu devesse ter informado meu achado, mas sua natureza era muito confusa pruma simples investigação. Considerando que fora comido em parte por alguma monstruosidade oceânica, não pensei ser identificável o bastante pra evidenciar uma desconhecida, mas possível tragédia. Os numerosos afogamentos entraram em minha mente, como também outras coisas doentias, algumas das quais permaneceram como possibilidade. Qualquer fragmento levado pela tempestade, seja de peixe ou dalgum animal semelhante ao homem, nunca falei sobre isso. Afinal de conta não havia prova que não foi deformado somente pela putrefação natural.

Aproximei-me da cidade enojado pela presença de tal objeto na beleza panorâmica da praia limpa, mas era horripelantemente típico da indiferença à morte numa natureza que mistura podridão com beleza, e talvez goste mais da podridão. Em Ellston não ouvi falar dalgum recente afogamento ou outro infortúnio no mar e não achei referência a isso nas colunas do jornal local, o único que li durante minha estada.

É difícil descrever meu estado mental nos dias seguintes. Sempre suscetível a emoções mórbidas cuja angústia sombria poderia ser induzida por coisas exteriores ou que podiam saltar dos abismos de meu próprio espírito, fui tomado por um sentimento que não era medo, desespero ou qualquer coisa semelhante, mas era mais uma simples percepção da abominação e sordidez subjacente da vida, um sentimento que era um misto da reflexão de minha natureza interior e do resultado de criaturas atraídas por aquela ruína podre que pode ter sido uma mão. Nesses dias minha mente era uma terra de precipícios sombrios e figuras movediças na escuridão, como o reino antigo insuspeito que os contos de fada me faziam lembrar. Eu sentia, em resumo, agonias de desilusão, a negridão gigantesca deste universo opressivo no qual meus dias e os dias de minha raça eram como nada comparado às estrelas extintas. Um universo no qual cada ação é vã e até mesmo a emoção de pesar um esforço perdido.

As horas passadas tentando recuperar a saúde, a satisfação e o bem-estar físico se converteram, como se os dias da semana anterior tivessem passado definitivamente, numa indolência como a dum homem que já não se importa em viver. Fui engolfado por um medo comovente e letárgico dalguma destruição inelutável que seria, eu sentia, o derradeiro ódio das estrelas vigilantes e das enormes ondas negras que esperavam esmagar meus ossos. A vingança de toda a indiferente e horrenda majestade do oceano noturno.

Algo da treva e inquietude marinha invadira meu coração, de forma que vivi num tormento irracional e vegetativo. Um tormento ainda mais agudo por causa da sutileza de sua origem e a estranha e preguiçosa qualidade de sua existência vampírica. Ante meus olhos se estendia a fantasmagoria das nuvens púrpura, a estranha bugiganga prateada, a estagnada espuma cíclica, a solidão dessa casa descampada e o escárnio da cidade de fantoches. Não fui mais à aldeia porque parecia apenas uma caricatura dum ser vivo. Como minha própria alma, estive num mar envolvente e escuro, um mar mais e mais odioso. E entre essas imagens, corrompendo e ferindo, morava uma coisa cujos contornos humanos não deixava dúvida do que era.

Estas sucintas palavras não conseguem expressar a horrenda solidão. Não o fiz como queria porque estava encravada em meu coração, que se insinuara dentro de mim e murmurara confidências terríveis e desconhecidas de eventos próximos. Não era uma loucura: Uma percepção muito clara e simples da treva além desta delicada existência, iluminada por um sol momentâneo não mais estável que nós mesmos. Uma façanha fútil que poucos podem experimentar e nunca conseguem repetir com a mesma vivacidade. Um conhecimento que voltará enquanto eu tiver força, pelo qual lutarei enquanto puder, com todo o poder restante de meu espírito. Eu não poderia ganhar um centímetro de solo do universo hostil nem sustentar, durante um instante, o que a vida me confiou. Eu temia a morte enquanto vivia, oprimido por um medo sem nome mas, relutante em deixar a cena da evocação, esperei um horror consumado se metamorfoseando na imensa região além das muralhas da consciência.

Chegou o outono e o que tirei do mar se perdeu de volta. Outono nas praias, um tempo sombrio, não é marcado por alguma folha escarlate ou outro sinal costumeiro. Um mar assustador, imutável, mas que transforma o homem. Ali havia só um resfriamento da água, na qual eu já não queria entrar, seguido do escurecimento da mortalha celeste, como se uma imensidão de neve aguardasse pra cair nas assustadoras ondas. Quando começasse a cair nunca cessaria, mas continuaria sob o sol branco, amarelo e carmesim e sob aquele último pequeno rubi que só se renderá à futilidade da noite. A água antes amigável balbuciou significativamente a mim, me mirando com um estranho olhar. Mas se a escuridão da cena era um reflexo de minha imaginação ou se a obscuridade dentro de mim foi causada pelo que se estende ao longe, não sei dizer. Na praia pareceu ter caído sobre mim uma sombra como a dum pássaro que voa silenciosamente no alto, um pássaro cujos olhos vigilantes não suspeitamos até a imagem no solo repetir a imagem no céu, e repentinamente contemplarmos aquela coisa que nos sobrevoa e não percebemos.

Era começo de setembro e a cidade fechou os resorts onde a louca frivolidade governava a falta do que fazer, o temor assombrado vive e onde os fantoches se divertiam em excentricidade de verão. Os fantoches foram embora, com sorriso forçado ou carranca que todos assumiriam depois. Somente cem pessoas ficaram. Novamente as ostentosas fachadas de estuque dos edifícios se

espalhavam na praia, enfileiradas na orla, impávidas ao vento. Como o mês avançava ao dia ao qual me refiro, cresceu em mim o fascínio dum cinzento e infernal amanhecer, em que eu sentia que alguma taumaturgia sombria se completaria. Desde então eu temia tal taumaturgia menos que um prolongamento de minhas horripilantes suspeitas, menos que a ilusória sugestão dalgo monstruoso espreitando atrás do grande cenário. Era com mais expectativa que verdadeiro temor que eu aguardava indefinidamente, pois o dia de horror parecia estar chegando. O dia, repito, no final de setembro. Não tenho certeza se 22 ou 23. Tais detalhes fugiram antes da lembrança desses acontecimentos incompletos que não deveriam contaminar uma vida disciplinada por causa das sugestões condenáveis, e só sugestões, que contêm. Eu sabia a hora duma intuitiva aflição de espírito, um reconhecimento muito profundo pra eu explicar. Ao longo dessas horas de luz do dia eu ficava na expectativa da noite, impaciente, talvez, de forma que a luz solar passava como o vislumbre dum reflexo na água ondulante, um dia cujos eventos não me recordo.

Durante longo tempo aquela portentosa tempestade lançara uma sombra sobre a praia e depois que eu percebera que a hesitação não era causada por algo tangível, resolvi deixar Ellston, pois estava esfriando e não tinha vontade de retornar tão cedo. Quando chegou um telegrama, guardado durante dois dias no escritório da União Ocidental antes de eu ser localizado, tão pouco era conhecido meu nome, dizendo que meu desenho ganhara a competição em primeiro lugar, estabeleci uma data pra partir. Essa notícia, que meses antes teria me afetado fortemente, recebi com estranha apatia. Parecia alheia a minha realidade, pouco pertinente a mim, dirigida a alguém que não conheço, cuja mensagem recebi de modo accidental. Entretanto foi o que me forçou completar meus planos e ir embora da cabana da praia.

Faltavam só quatro noites pra terminar minha permanência quando aconteceu o último desses eventos cujo significado se estende mais na impressão sombriamente sinistra que os cerca que ante alguma franca ameaça. A noite caíra sobre Ellston e a costa, e uma pilha de pratos sujos atestava tanto minha recente refeição quanto minha inatividade. A escuridão chegou quando me sentei com um cigarro ante a janela de mira-mar, onde se via um líquido que gradualmente enchia o céu, lavando numa lua flutuante, que monstruosamente se elevava. O mar plano que ladeia a areia cintilante, a ausência absoluta de árvore, figura ou qualquer tipo de vida e a contemplação daquela lua alta fez a imensidão de meu ambiente abruptamente claro. Havia só algumas estrelas espetadas no céu, como pra acentuar, por sua pequenez, a majestade do orbe lunar e da irrequieta e volúvel maré.

Eu ficara enclausurado e temia ficar diante do mar em tal noite de informe prodígio, mas o ouvi murmurar segredos duma incrível tradição. Enfrentando o vento vindo de lugar nenhum, que tinha o fôlego duma estranha palpação vital, senti a incorporação de tudo e de tudo suspeitei, agora ativo nos abismos do céu ou no mundo silencioso sob as ondas. Onde esse mistério virou um antigo pesadelo não sei dizer, mas como quem se posta perto dum ser adormecido e sabe que despertará a qualquer momento, me agachei à janela, segurando um cigarro quase no fim, contemplando o luar ascendente.

Gradualmente cruzou aquela inesquecível paisagem um brilho que se intensificou com os lampejos do céu e eu parecia cada vez mais ansioso em ver o que aconteceria. As sombras escoavam desde a praia e eu sentia que todo meu pensamento deveria se fixar nelas quando a suposta coisa chegasse. Onde algum deles permaneceu restou negror e alvura: Até pedaços da escuridão se esparramam sob os brutais e brilhantes raios. O infindável quadro vivo do orbe lunar, agora morto, o que quer que lhe tenha passado, e frio como sepulcros inumanos, padece entre a ruína de séculos empoeirados, mais velho que os homens, e o mar, ativo, talvez, com alguma vida desconhecida, alguma sensibilidade proibida, me confrontou com uma horrenda vivacidade. Fechei a janela, em parte por causa duma incitação interior mas, principalmente, creio, como uma pretexto pra desviar momentaneamente esse pensamento. Não ouvi som enquanto a vidraça estava fechada. Minutos pareciam eternidade. Eu esperava, com o coração temeroso, a cena imóvel algures, o sinal dalguma vida inefável. Fixei a luminária numa caixa no canto ocidental do quarto mas a Lua era mais luminosa e seus raios azulados invadiram lugares onde a luz da lâmpada era lânguida. O

antigo brilho da redonda e silenciosa orbe se estendia na praia como um leito preparado pros eões,³ e esperei, numa atormentada expectativa duplamente aguçada pela demora em se concretizar e a incerteza de que a estranha conclusão aconteceria.

Fora da cabana, uma iluminação branca sugeria vagas formas espectrais cujos irreais e fantasmagóricos movimentos pareciam escarnecer de minha cegueira, da mesma maneira que vozes desconhecidas escarneciam de minha escuta ansiosa. Durante muito tempo fiquei quieto, como se o tempo e o badalar de seu grande sino se calassem em sua insignificância. E nada havia que eu poderia temer: A Lua cinzelada pelas sombras eram antinaturais em sua ausência de contorno e nada ocultou a meus olhos. A noite silenciosa. Eu sabia que, apesar de minha janela fechada, todas as estrelas eram só lamento, escutando, fixas num céu de sombria majestade. Nenhum movimento meu ou palavra, pois poderia revelar meu apuro ou meu cérebro apavorado, encarcerado em carne, que não ousou quebrar o silêncio após toda a tortura sofrida. Como aguardasse a morte e confiante de que nada podia expulsar o perigo interior que confrontei me abaixei esquecendo um cigarro na mão. Um mundo silencioso cintilou além das sujas e baratas janelas e, num canto do quarto, um par de remos sujos, colocado lá antes de minha chegada, compartilhou a vigília de meu espírito. A luminária queimou indefinidamente, com um matiz doentio como a carne dum cadáver. Esbarrando nela de vez em quando, em desesperada distração, vi muitas bolhas inexplicavelmente rosadas se esvaírem na base cheia de querosene. Estranhamente não havia calor do pavio. E de repente me dei conta que a noite era um corpo não quente nem frio, mas estranhamente neutro, como se fossem suspensas todas as forças físicas e rompidas todas as leis duma existência tranqüila.

Então, num silencioso esguicho que atirou água prateada à orla, uma linha ondular arrepiou meu coração. Uma coisa natatória emergiu além das ondas. A figura poderia ser apenas um cachorro, um ser humano ou algo mais estranho. Não poderia saber o que vi, talvez não tenha me preocupado mas, como um peixe deformado, nadou sobre o reflexo das estrelas e mergulhou. Um momento depois emergiu. Então, estando mais próximo, vi que levava algo no ombro. Eu sabia que não podia ser um animal, e que era um homem ou algo como um homem, chegando à terra vindo do oceano escuro e que nadava com uma facilidade espantosa.

Enquanto assistia, apavorado e passivo, com o olhar fixo de quem espera a morte, mas sabe que não a pode evitar, o nadador se aproximar da orla, mas muito ao longe na praia sul pra eu discernir a fisionomia ou característica. Trotava no escuro, com centelhas de espuma enlustrada espalhada por seu andar rápido se afastou, se perdendo entre as dunas interiores.

Novamente se apoderou de mim um súbito medo que se extinguiu antes. Um formigamento gelado me percorreu todo o corpo, mas o quarto cuja janela não ousei abrir ficou sufocante. Pensei que seria horrível se algo entrasse numa janela aberta. Agora que já não podia ver a figura, sentia que se demorava nalgum lugar nas sombras interiores ou me observava hediondamente dalguma janela que não vi. E assim virei meu olhar, ansiosa e freneticamente, sucessivamente, a cada vidraça, temendo me ver a face-a-face com um intruso, mas incapaz de manter essa aterrorizante inspeção. Mesmo eu vigiando durante horas nada mais tinha na praia.

Assim a noite passou e com ela começou a vazar aquela singularidade. Uma estranheza que emergira como uma bebida mal-fermentada dentro duma garrafa, que atingira exatamente o mesmo ponto da costa num breve instante, pausara, meio desnorreada, e prosseguira, levando consigo alguma mensagem desconhecida. Como as estrelas que prometem a revelação de recordações terríveis e gloriosas, nos incitam em adoração e logo nos decepcionam e nada dão, eu ficara espantosamente perto de conhecer um antigo segredo, algo que se aventurou perto dos abrigos humanos e espreitou cautelosamente pouco além da extremidade conhecida. E no fim nada obtive. Eu estava determinado a ter só um vislumbre da coisa furtiva, um vislumbre obscurecido pelo véu da ignorância. Nem posso conceber o que teria descoberto se eu me aproximasse daquele nadador que foi em direção à costa em vez de ao oceano. Não sei o que poderia ter acontecido se a bebida fermentada passasse pelo gargalo e vertesse uma súbita cascata de revelação. O oceano noturno retinha tudo o que concedia. Nada mais saberei.

³ Eões: Entes mitológicos do gnosticismo. Nota do tradutor.

Mas não sei por que o oceano me fascina tanto. Talvez nenhum de nós possa resolver esses problemas, que existem em desafio a toda explicação. Há homens sábios que não gostam do mar e sua arrebentação lambendo amareladas praias. E acham estranho que se ame profundamente o interminável mistério antigo. Creio que há um assombroso e inescrutável fascínio em todos os caprichos do oceano. Está na melancólica espuma prateada sob o cadáver pegajoso da Lua, paira em cima das ondas silenciosas e eternas que batem em orlas desnudas. Está lá quando tudo está morto, exceto pra formas desconhecidas que deslizam em profundidades sombrias. E quando vejo as temerosas vagas surgindo com força infinita sinto um êxtase similar ao pavor. De forma que tenho de me humilhar ante esse poderio, já que não posso odiar a água borbulhante e sua opressiva beleza.

Vasto e desolado é o oceano, e como todas as coisas vieram dele, assim devem a ele retornar. Na profundeza amortalhada do tempo nada reinará na terra, nem movimento haverá, exceto na água eterna, que baterá em praias escuras com espuma atoadora. Mas nada permanecerá naquele mundo agonizante pra assistir a luz fria da Lua enfraquecida, que rege as marés girando e a granulosa areia. Só na profunda margem descansará uma espuma estagnada e se juntará sobre as conchas e ossos de formas perecidas que moravam na água. Coisas silenciosas e frouxas se lançarão e rolarão ao longo de orlas vazias e extinguirão a vida lenta. Então tudo ficará escuro pra, afinal, até mesmo a branca Lua deixar de se refletir nas ondas distantes. Nada permanecerá sobre ou sob a água sombria. E até o último milênio, além do perecimento de todas as outras coisas, o mar trovejará e se lançará ao longo da triste noite.